

3

Perfil dos idosos participantes do projeto “Era uma vez... Atividades intergeracionais” - características sociodemográficas, intergeracionalidade e perspectivas

[Artigo 3, páginas de 38 a 64]



Lena Lansttai Bevilaqua Menezes

*Assistente social do Programa de Residência Multiprofissional em Cuidados Continuados Integrados da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).
lansttai@gmail.com*

Eli Fernanda Brandão Lopes

*Assistente social do Programa de Residência Multiprofissional em Cuidados Continuados Integrados da UFMS. Especialista em Gestão das Políticas Sociais pela Faculdade de Educação São Luís. .
elifernanda.brandaolopes@gmail.com*

Valdete de Barros Martins

*Assistente Social com mestrado em Serviço Social pela Universidade Estadual Paulista, campus de Franca.
valdetebarros@gmail.com*

RESUMO

O aumento da população idosa no Brasil acentuou os problemas de segregação social e exclusão social do idoso, causando conflitos geracionais, permeados pelo preconceito e estereótipos relacionados à velhice. A questão social que abrange o idoso exige novas políticas públicas para o atendimento das novas demandas advindas da longevidade, com o compartilhamento de responsabilidades entre a família, a sociedade, a comunidade e o Estado, sendo imprescindível o fomento aos programas intergeracionais que promovam a valorização do idoso e a convivência entre gerações, possibilitando o processo de coeducação, a construção compartilhada de saberes e o repasse cultural, combatendo os estigmas que envolvem a velhice. O presente trabalho tem como objetivo identificar o perfil sociodemográfico dos idosos participantes do projeto “Era Uma Vez... Atividades Intergeracionais”, no ano de 2011, realizado na cidade de Campo Grande/MS, destacando os pontos positivos e negativos do referido projeto na perspectiva deste idoso. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, bibliográfica e documental, realizada por meio de entrevistas semiestruturadas, utilizando-se a técnica de análise do discurso para a interpretação dos dados. Conclui-se que o projeto “Era Uma Vez... Atividades Intergeracionais”, desenvolvido pelo Sesc, constitui um importante instrumento como processo socioeducativo para construção de uma sociedade sem segregações etárias com vista à promoção da cultura de respeito entre diferentes gerações.

Palavras-chave: projeto intergeracional, envelhecimento, idoso, transição demográfica, saber compartilhado.

ABSTRACT

The increase in the elderly population in Brazil has accentuated the problems of social segregation and social exclusion of the elderly, causing generational conflicts permeated by prejudice and stereotypes related to old age. The social issue that covers the elderly requires new public policies to meet the new demands arising from longevity, with the sharing of responsibilities between family, society, community and the state. It is essential to foster intergenerational programs that promote the appreciation of the elderly, and coexistence between generations, enabling the process of coeducation, the shared construction of knowledge, and cultural transfer, combating the stigmas that surrounds old age. The present work aims to identify the sociodemographic profile of the elderly participants of the “Once Upon a Time ... Intergenerational Activities Project” in 2011, held in the city of Campo Grande / MS, highlighting the positive and negative points of the project in perspective. of this old man. This is a qualitative, bibliographic and documentary research, conducted through semi-structured interviews, using the discourse analysis technique for data interpretation. It is concluded that the “Once Upon a Time ... Intergenerational Activities Project”, developed by Sesc, is an important socio-educational process for the construction of a society without age segregations with a view to promoting a culture of respect between different generations.

Keywords: intergenerational project, aging, elderly, demographic transition, knowing shared.

INTRODUÇÃO

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, o Brasil chegou ao final do século XX com uma nova configuração demográfica, “resultante das acentuadas mudanças nos níveis de fecundidade e de mortalidade que ocorreram nas últimas décadas e, sobretudo, da aceleração do declínio da taxa de fecundidade a partir de meados da década de 1970” (IBGE, 2009, p. 40).

A redução dos níveis de fecundidade e mortalidade tem provocado transformações na faixa etária da população brasileira, aumentando o número de idosos e diminuindo a população economicamente ativa (Almeida et. al, 2015).

O Brasil tem uma população de cerca de 190 milhões de pessoas (190.755,799), segundo apontado pelo IBGE, no Censo de 2010. Deste número, a parcela de pessoas com idade igual ou superior a 60 anos corresponde a 20 milhões (20.590,599), ou seja, 10,8% da população é formada por idosos (IBGE, 2010).

Forquin (2003, p. 12) ressalta a importância dos dados demográficos para a compreensão da transição demográfica entre gerações, alertando que “a questão das transições entre gerações e das transmissões educativas de maneira intemporal” não devem ser mencionadas sem que haja a consideração do “contexto histórico e de civilização no qual elas se inscrevem”. Neste sentido, Forquin (2003) assegura que:

Nas relações entre gerações, as quais são por certo relações «qualitativas», relações imbuídas e constituídas por elementos simbólicos, o peso do número é tão importante quanto a influência das ideias e a evolução dos valores. Assim, o chamado «equilíbrio entre gerações» é, em primeiro lugar, um fato morfológico, um fato que se mede em termos de composição da pirâmide das idades e do peso respectivo de cada classe de idade dentro da população de um país (Forquin, 2003, p. 12).

Dados estes que expressam o envelhecimento populacional como um dos resultados deste processo de transição demográfica, que trouxe também várias demandas a serem atendidas em relação à área da saúde, previdência, transporte, habitação, emprego, assistência social, levando à reestruturação das políticas sociais e do reordenamento político e socioeconômico.

Para Pszemiarower e Pochtar (2011, p. 51), o envelhecimento “não é apenas um fenômeno individual ou social”, estando relacionado também com a família e sua ampliação, sendo possível que de duas a três gerações estejam no que os autores definem como “fases de envelhecimento da vida”.

Artigo 3

Perfil dos idosos participantes do projeto “Era uma vez...
Atividades intergeracionais”

Juntamente com o envelhecimento, surgem os conflitos *intergeracionais* e o distanciamento entre as gerações, sendo necessário desmistificar estereótipos relativos ao processo de envelhecimento e à velhice em si, formular políticas sociais que facilitem a aproximação entre as gerações e o convívio entre crianças, adolescentes, jovens adultos e idosos. Pensando em uma resposta para esta demanda, o Sesc elaborou o projeto “Era Uma Vez... Atividades Intergeracionais”, sendo executado nos diversos Departamentos Regionais (Neri, 2007).

O projeto “Era Uma Vez... Atividades Intergeracionais” consiste em uma ação socioeducativa, desenvolvida por meio de atividades pedagógicas e sociais, elaborada com grupos de idosos, adolescentes e crianças, tendo a leitura como eixo condutor para discussão do envelhecimento e temas relacionados à velhice. (Fernandes, 2014).

Diante do exposto, o objetivo deste trabalho é identificar o perfil sociodemográfico dos idosos participantes do projeto “Era Uma Vez... Atividades Intergeracionais”, no ano de 2011, destacando os pontos positivos e negativos do referido projeto na perspectiva dos idosos participantes.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de abordagem qualitativa, bibliográfica e documental, com metodologia baseada na dialética, desenvolvido durante o projeto “Era Uma Vez... Atividades Intergeracionais” e realizado na Unidade Executiva Sesc Horto, situada no município de Campo Grande/MS, durante o ano de 2011.

A metodologia baseada na dialética pressupõe a compreensão da “coisa em si”. Segundo Zago (2013, p. 113), a dialética constrói “uma compreensão da realidade” que considera “a totalidade como dinâmica e em constante construção social”, esta realidade proposta pela dialética “rompe com a pseudo concreticidade, por desvelar as tramas que relacionam a essência ao fenômeno”.

A pesquisa se divide em dois momentos, sendo que, no primeiro, é realizada a identificação do perfil sociodemográfico dos idosos participantes do projeto em questão. No segundo momento, são identificados os pontos positivos e negativos do mesmo, na perspectiva dos idosos participantes.

O projeto “Era Uma Vez... Atividades Intergeracionais”, no ano de 2011, contava com 33 participantes, sendo nove idosos e 24 crianças.

Utilizou-se nesta pesquisa somente o público de idosos, que correspondeu aos seguintes critérios de inclusão:

- Tempo mínimo de oito meses de vivência no projeto;
- Aceitar participar de pesquisa e assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Dos nove idosos inscritos no projeto, apenas cinco corresponderam aos critérios de inclusão. A coleta dos dados foi realizada na sede da instituição, após assinatura do TCLE, por meio de entrevistas semiestruturadas, com formulários elaborados e aplicados pela pesquisadora.

As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas, respeitando os preceitos da pesquisa com seres humanos, sendo mantido o sigilo da identidade dos participantes, que foram identificados pelas iniciais dos seus nomes e apelidos: Idosa C, Idosa Z, Idosa M.H, Idosa M. e Idosa E. Para Manzini (2003), a entrevista semiestruturada é utilizada para estudar um fenômeno correspondente a uma população específica, tendo como característica o uso de um roteiro com perguntas abertas.

Fernandes e Loureiro (2009), ao citar Hanguete (1999), demonstram a importância da coleta de dados baseada no depoimento oral, concluindo que:

[...] a história oral é uma técnica de coleta de dados baseada no depoimento oral, gravado, obtido por meio da interação entre o entrevistador e o entrevistado, ator social ou testemunha de acontecimentos relevantes para a compreensão da sociedade (Hanguete, 1999, apud Fernandes; Loureiro, 2009, p. 61).

Ressalta-se que o processo de transcrição da entrevista compreende o registro literal do discurso falado, incluindo repetições de fala, erros de pronúncia, e palavras sem peso semântico. Para Fernandes e Loureiro (2009, p. 65), “o importante de uma entrevista não é como as palavras foram ditas ou pronunciadas e, sim, o seu significado no conjunto de mensagens”, dados estes que devem ser analisados pelo pesquisador.

Para a interpretação dos dados resultantes da pesquisa, utilizou-se a análise de conteúdo proposta por Bardin (2010).

Artigo 3

Perfil dos idosos participantes do projeto “Era uma vez...
 Atividades intergeracionais”

PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO DOS IDOSOS DO PROJETO “ERA UMA VEZ... ATIVIDADES INTERGERACIONAIS”

A ficha cadastral dos idosos do projeto, em 2011, aponta a inscrição de nove participantes, sendo que três deles não frequentavam os encontros sistematizados, mas dois deles foram considerados colaboradores, por auxiliarem na organização de oficinas à distância, e a outra esteve presente somente em um encontro.

Dos nove participantes, seis eram considerados assíduos no projeto e cinco participaram da pesquisa, tendo seu perfil sociodemográfico descrito na Tabela 1.

Tabela 1. Características sociodemográficas dos idosos participantes do projeto “Era uma vez... Atividades intergeracionais” do ano de 2011. Campo Grande - MS, Brasil, 2011 (N=05)

Dados Sociodemográficos	N°	%
Sexo		
Feminino	5	100%
Masculino	0	0%
Idade		
De 60 a 70 anos	3	60%
De 71 a 80 anos	2	40%
Acima de 81 anos	0	0%
Estado Civil		
Solteiro (a)	0	0%
Casado (a)	2	40%
Viúvo (a)	1	20%
Divorciado (a)	2	40%
União Estável	0	0%
Escolaridade		
Alfabetizado (a)	0	0%
Ensino Fundamental Incompleto	1	20%
Ensino Fundamental Completo	1	20%
Ensino Médio Incompleto	0	0%
Ensino Médio Completo	2	40%
Ensino Superior Incompleto	0	0%
Ensino Superior Completo	1	20%

Dados Sociodemográficos	Nº	%
Situação ocupacional		
Aposentado (a)	5	100%
Não aposentado (a)	0	0%
Número de filhos por idoso (a)		
1 Filho	1	20%
2 Filhos	1	20%
3 Filhos	3	60%
Com quem mora o idoso (a)		
Mora sozinho (a)	2	40%
Mora com o cônjuge	2	40%
Mora com o filho	1	20%
Faixa salarial		
Até 2 salários mínimos	2	40%
Até 3 salários mínimos	1	20%
Até 5 salários mínimos	1	20%
Até 8 salários mínimos	1	20%
Categoria do Sesc		
Usuário da 3ª idade	4	80%
Comerciário aposentado	1	20%

Fonte: Dados obtidos das fichas de cadastro do projeto “Era Uma Vez... Atividades Intergeracionais” no ano de 2011.

As cinco idosas são do sexo feminino, conforme pode ser visto na Tabela 1, representando a maioria dos participantes do projeto e, mesmo sendo uma amostra pequena, revela nitidamente o processo de feminilização do envelhecimento, onde a maioria da população idosa é constituída por mulheres. Segundo o IBGE (2010), o número de mulheres com idade igual ou maior que 60 anos passou de 2,2%, em 1940, para 4,7% em 2000; e, no ano de 2010, já somavam o equivalente a 6% (IBGE, 2010).

De acordo com os estudos de Almeida et. al (2015), as mulheres vivem, em média, de cinco a sete anos a mais que os homens. Este fato está ancorado a um processo histórico e cultural, onde os estereótipos de gênero trazem a figura masculina dotada de virilidade e a feminina dotada de fragilidade, sendo o adoecimento considerado uma fragilidade exclusiva das mulheres.



Juntamente com o envelhecimento, surgem os conflitos intergeracionais e o distanciamento entre as gerações, sendo necessário desmistificar estereótipos relativos ao processo de envelhecimento e à velhice em si, formular políticas sociais que facilitem a aproximação entre as gerações e o convívio entre crianças, adolescentes, jovens adultos e idosos.

A “Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem” revela que estudos comparativos entre homens e mulheres comprovam “que os homens são mais vulneráveis às doenças, sobretudo às enfermidades graves e crônicas, e que morrem mais precocemente que as mulheres” (Brasil, 2008, p. 5). O adoecimento, visto como uma fraqueza, provoca uma baixa procura por parte dos homens aos serviços de saúde:

Muitos agravos poderiam ser evitados caso os homens realizassem, com regularidade, as medidas de prevenção primária. A resistência masculina à atenção primária aumenta não somente a sobrecarga financeira da sociedade, mas também, e, sobretudo, o sofrimento físico e emocional do paciente e de sua família, na luta pela conservação da saúde e da qualidade de vida dessas pessoas (Brasil, 2008, p. 5).

Em relação à idade, observa-se que o projeto conta com participantes da 3ª idade e também com participantes entrando na 4ª idade. Lembrando que os idosos da 4ª idade são aqueles que têm mais de 80 anos. Silva e Brasil (2016, p. 3.631) trazem os “termos “grande idoso” e “muito idoso” para definir a população com faixa etária a partir de 80 anos”.

No que tange ao estado civil e escolaridade, o perfil das idosas participantes do projeto apresenta uma maior diversificação, com idosas casadas, divorciadas e viúvas, que possuem desde o ensino fundamental incompleto até o ensino superior completo, porém, chama a atenção o fato que das cinco idosas apenas uma possui o ensino superior completo. Segundo o censo do IBGE, do ano de 2010, no Brasil, havia 13.933.173 pessoas analfabetas das quais 39,2% eram formados por pessoas idosas.

Em uma pesquisa que caracterizou o perfil de 197 idosos frequentadores de grupos de convivência, observou-se entre os idosos “o predomínio de mulheres (86,29%), viúvas (49,75%), na faixa etária de

65 a 74 anos (65,49%, média de $71,66 \pm 6.8$ anos) e escolaridade primária (45,69%)” (Borges et. al, 2008, p. 280). Outro estudo, realizado por Melo, Ferreira e Teixeira (2014, pag. 13), que comparou as condições de vida de 19.882 idosos residentes nas diferentes regiões do Brasil, revelou que o “idoso é, na maioria, mulher” e com “baixa escolaridade.”

Referente à situação ocupacional das participantes do projeto, os dados demonstram um perfil homogêneo, onde todas as idosas figuram como aposentadas.

No que diz respeito ao número de filhos e com quem residem, percebe-se que as idosas, em sua maioria, têm o número de três filhos, sendo que duas moram sozinhas, duas moram com os maridos e uma mora com o filho.

O Estatuto do Idoso (Brasil, 2003, p. 6) traz em seu art. 37, que o “idoso tem direito a moradia digna no seio da família natural ou substituta ou desacompanhado de seus familiares, quando assim o desejar, ou, ainda, em instituição pública ou privada”. Porém, mesmo que o idoso tenha o direito de morar sozinho, o crescimento destes domicílios unipessoais de idosos, conforme asseguram Perseguino, Horta e Ribeiro (2017, p. 252), “traz o problema da necessidade de cuidado, visto que o processo de envelhecimento tem como consequência a vulnerabilidade, caracterizada pela dependência”.

No Brasil, a proteção social do idoso baseia-se na “teoria familista”, ou seja, a família é a principal responsável pelo cuidado ao idoso, sendo, na falta ou falha desta, acionado o Estado na forma de proteção de acolhimento institucional, abrigamentos e outras formas de proteção social. Segundo Perseguino, Horta e Ribeiro (2017, p. 252), a família tem a obrigação de assistir às necessidades do idoso, contudo, pode apresentar “incapacidades socioeconômicas próprias, e às impostas pela opção da pessoa idosa em morar só”, o que dificultará a assistência familiar.

No que concerne à faixa salarial das idosas participantes do projeto, apenas duas recebem até dois salários mínimos, sendo que as demais idosas recebem entre três e oito salários mínimos. Dados estes que divergem dos estudos de Melo, Ferreira e Teixeira (2014, p. 10), que apontam que a maioria dos 19.882 idosos de várias regiões do Brasil vivem “com renda domiciliar *per capita* de até $\frac{1}{2}$ salário mínimo”.

De acordo com o IBGE (2016, p. 54), “65,5% dos idosos inseridos no mercado de trabalho tinham como nível de instrução mais elevado alcançado até o ensino fundamental (ou equivalente) incompleto”, estando o baixo grau de escolaridade relacionado a salários mais baixos e aposentadorias com menores valores.

Artigo 3Perfil dos idosos participantes do projeto “Era uma vez...
Atividades intergeracionais”

Entre os anos de 2005 e 2015, ocorreu a diminuição da “proporção de idosos ocupados que recebiam aposentadoria, de 62,7% para 53,8%”, e um aumento na “participação de pessoas com 60 a 64 anos entre os idosos ocupados, de 47,6% para 52,3%” (IBGE, 2016, p. 54).

Um estudo realizado por Jesus *et. al* (2017, p. 617-618), que identificou a relação entre fragilidade, características sociodemográficas e vulnerabilidade social de 247 idosos em um serviço de atendimento primário, constatou que “aposentadorias, pensões e benefícios do Governo são as principais fontes de renda e sustento dos idosos”, sendo que a renda, na maioria das vezes, era a responsável por afetar “o estado de saúde daqueles que possuem limitação de acesso a serviços”.

Outro dado a ser mencionado refere-se a categorias ocupadas pelas idosas participantes do projeto no Sesc: os dados mostram que 80% das participantes integram a categoria “usuária” e 20% integram a categoria “comerciário”. Segundo o Sesc (2013), sua clientela é classificada como beneficiária e não-beneficiária. Os beneficiários se subdividem nas categorias: comerciários (beneficiário titular) e dependentes. E os não beneficiários se subdividem na categoria: usuários.

A categoria comerciários inclui o “comerciário em atividade ou aposentado, os servidores e os estagiários do Sesc e do Senac, os empregados de Entidades Sindicais do Comércio”(Sesc, 2013, p.12). A categoria dependente inclui o cônjuge, o companheiro(a), o viúvo(a), os menores sob guarda, os irmãos, filhos e enteados do beneficiário titular, inválidos de qualquer condição, os pais ou padrastos e madrastas do beneficiário titular, os filhos e os enteados de união civil ou de união consensual, menores de 21 anos ou estudantes até 24 anos, desde que solteiros e economicamente dependentes do beneficiário titular, os órfãos do beneficiário titular menores de 21 anos ou estudantes até 24 anos, desde que solteiros e economicamente dependentes. A categoria usuários compreende “indivíduos que não se enquadram como beneficiários, aos quais poderão ser estendidos determinados serviços do Sesc, observadas as condições de disponibilidades efetivas das unidades de serviço dos Departamentos Regionais”(Sesc, 2013, p.13).

A DINÂMICA DA TRANSIÇÃO DEMOGRÁFICA E O ENVELHECIMENTO POPULACIONAL NO BRASIL

Neste tópico procedeu-se uma análise retrospectiva dos dados demográficos para o Brasil, abordando-se, ainda que em linhas gerais, temas que englobam a evolução da população, características gerais como fecundidade, mortalidade infantil, migração e deslocamento a fim de compreender o crescimento populacional natural dentro do ciclo evolutivo demográfico.

Sene e Moreira (1998) conceituam as três fases do ciclo demográfico e contextualizam os momentos históricos em que aconteceram estas fases no Brasil. A primeira fase é evidenciada por altas taxas de natalidade e mortalidade, ocasionando baixo crescimento populacional. Na segunda fase, identificam-se altas taxas de natalidade e declínio das taxas de mortalidade, provocando elevado crescimento populacional. É a transição demográfica propriamente dita, que antecede a última etapa do ciclo, a da estabilidade. A terceira fase destaca-se por baixas taxas de natalidade e mortalidade, que refletem um crescimento populacional pequeno, quase estagnado.

Pontua-se que, nas sociedades primitivas, o controle demográfico tinha como um dos fatores determinantes a escassez de alimentos: as práticas tinham como propósito o aumento da mortalidade, tais como o infanticídio e a antropofagia. A miséria e as doenças se faziam presentes, o que contribuía com a estabilidade populacional, pois também geravam mortalidade, não se exercia o controle da natalidade (Magnoli; Araujo 1995).

Quanto às migrações populacionais, elas podem ser classificadas em relação ao espaço de deslocamento das pessoas como: externas ou internacionais (entre países); internas ou nacionais (dentro de um mesmo país); quanto à duração de tempo como: definitiva ou temporárias. Tais movimentos são motivados por diferentes e inúmeras razões como, por exemplo, perseguições políticas ou religiosas, fome, guerras, desastres naturais, causas econômicas, etc.(Coelho, 1996).

A imigração no Brasil começou em 1808. País extenso, relativamente novo, pouco povoado, rico em recursos naturais e com políticas de estímulo a mesma, poucos imigrantes entraram no Brasil até 1850. O elevado número de escravos e o tráfico negreiro desencorajavam os imigrantes. Somente a partir de 1850, com a extinção do tráfico negreiro, ampliação das plantações de café e, em 1888, com a abolição da escravidão, que os saldos migratórios se tornaram positivos. Ao longo deste

Artigo 3

Perfil dos idosos participantes do projeto “Era uma vez...
Atividades intergeracionais”

período, o governo brasileiro fixou várias colônias para manter a posse de suas terras, desejada pelos espanhóis (Coelho, 1996).

Já na década de 1940, o fluxo de imigrantes apresentava queda, e as melhorias no campo da saúde pública (especialmente na medicina preventiva, curativa, programas de saúde...) e reforço do processo de urbanização gerava outro impulso no crescimento natural da população e queda na mortalidade infantil. Período este que a fecundidade apresentava taxa relativamente estável (Brasil, 2011).

A partir da metade da década de 1960, verificou-se queda no nível da fecundidade, oriundo da gênese da pílula anticoncepcional, evento este que teve suma importância no aumento da população idosa, é o que explica Berzins (2003):

[...]A queda de fecundidade, iniciada em meados da década de 1960 e intensificada nas duas seguintes, continuou, em 1990, de forma moderada. Em 1984, a taxa de fecundidade estava em 3,5. Em 1991, reduziu para 2,6 e a de 1999 estava em 2,3. A associação da redução de fecundidade com a queda de mortalidade reflete-se na evolução da composição etária da população do país que segue em processo de envelhecimento (Berzins, 2003, p. 25).

Segundo Berzins (2003), o IBGE considera como importante indicador relacionado à estrutura etária de um povo o Índice de Idosos, o qual é determinado pelo contingente de idosos e crianças.

De acordo com dados consolidados do Censo 2010, registrou-se um quantitativo de 268.486 imigrantes internacionais, número este, 87% superior do que o apurado pelo Censo Demográfico 2000, totalizando 143.644 imigrantes. Do total de imigrantes internacionais, 174.597 nasceram no Brasil (IBGE, 2010).

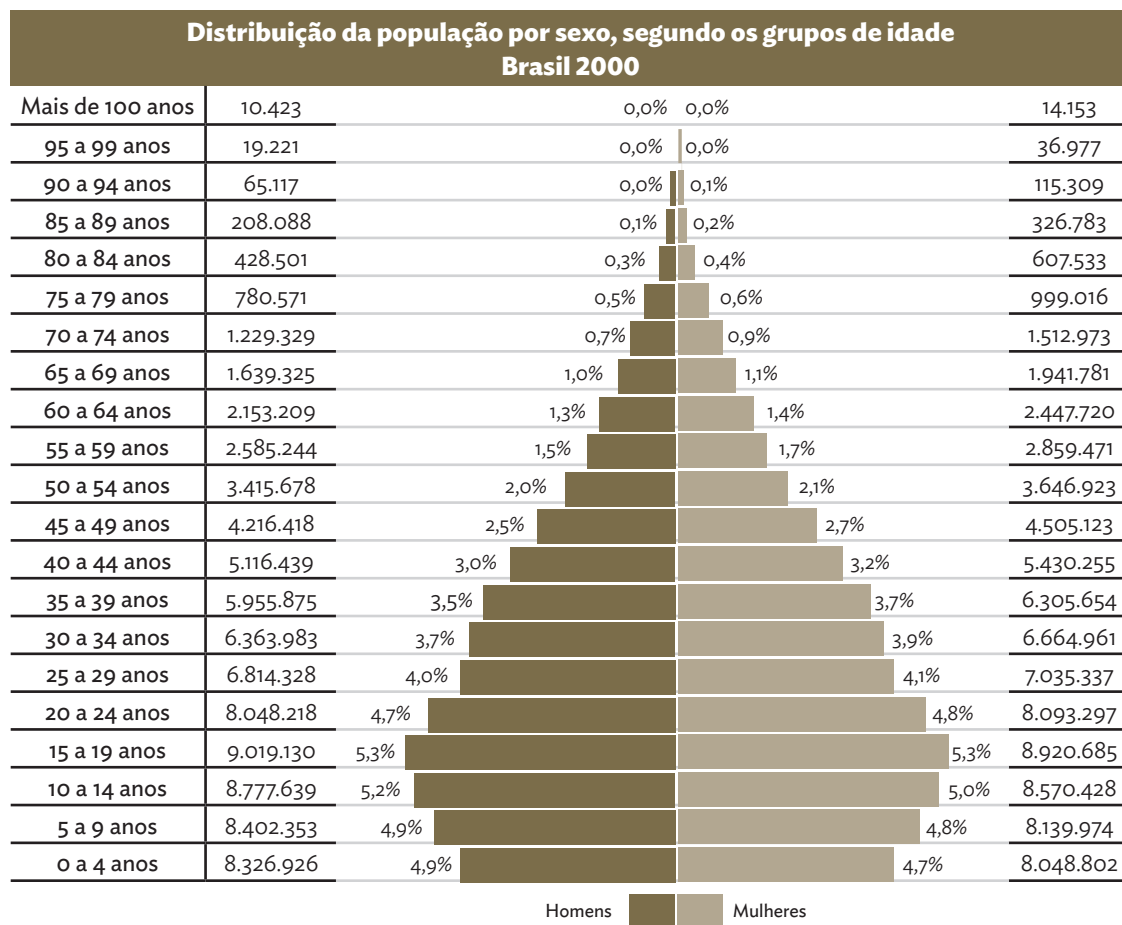
Já na migração interna, o Censo 2010 sinaliza que o número de migrantes praticamente não sofreu mudanças no período de 1995/2000 e 2005/2010, percebendo-se uma queda na mobilidade espacial. O volume de migrantes no Mato Grosso do Sul é compreendido como ligeiramente positivo, tendo o saldo migratório de 16.818 (IBGE, 2010).

A taxa de fecundidade total no país, obtida no Censo 2010 é de 1,90 filho por mulher e a de mortalidade infantil foi de 15,6%, que, embora venha diminuindo, ainda está elevada para os padrões internacionais (IBGE, 2010).

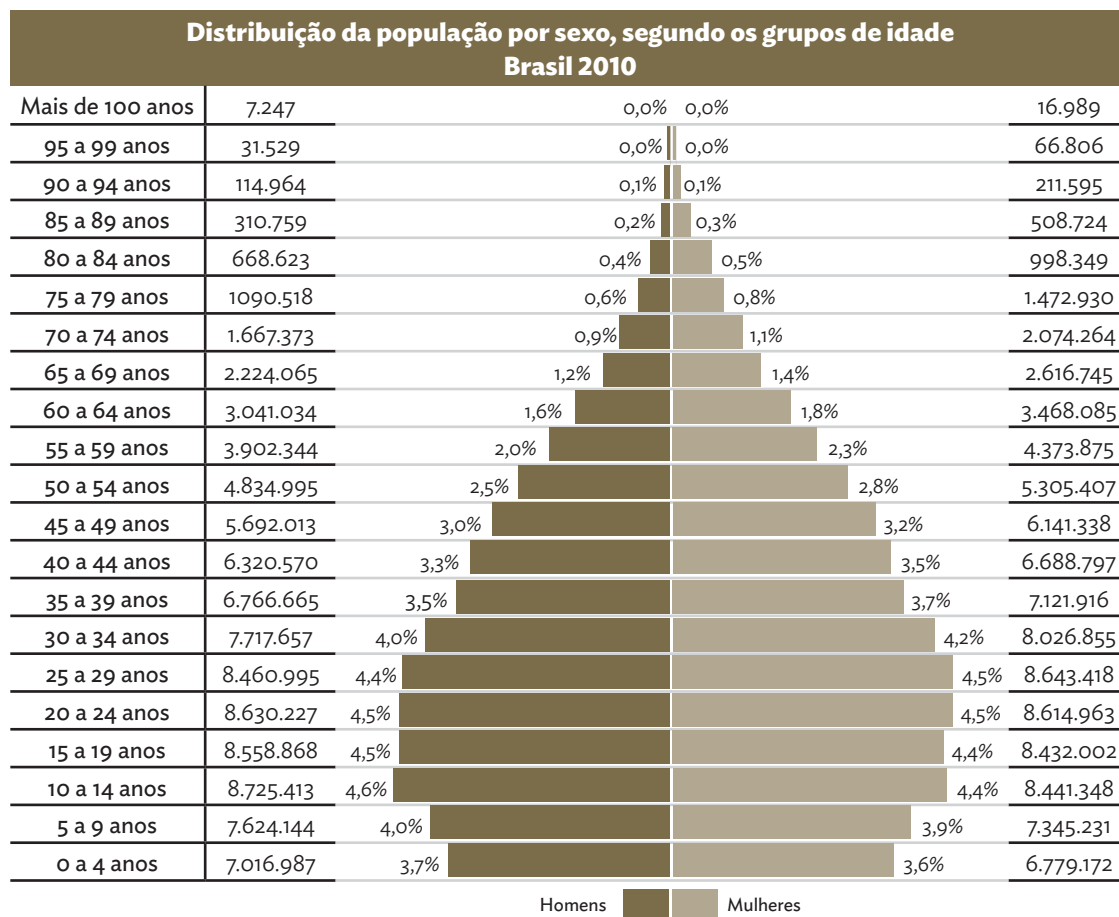
Os dados dos Censos 2000 e 2010 sobre a distribuição da população por sexo, segundo os grupos de idade do Brasil divulgado pelo IBGE,

estão apresentados abaixo nos gráficos 1 e 2, chamados de Pirâmide Etária. Conforme Limoeiro (2017), no ano de 2000, a pirâmide etária estendia-se até os 80 anos de idade, tendo que ser ampliada para até os 100 anos devido à maior longevidade da população idosa.

Gráfico 1: Pirâmide etária do Brasil no ano de 2000



Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2000.

Gráfico 2: Pirâmide etária do Brasil no ano de 2010


Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010.

O percentual de idosos na população segue em crescimento, podendo ser observado na pirâmide, que, em números absolutos, o Brasil tem mais idosos do que crianças de até 4 anos, não sendo mais um país de jovens como já foi outrora. Percebe-se que as bases da pirâmide estão se estreitando para ambos os sexos e o ápice está mais largo, esse alargamento no topo significa a evolução da estrutura demográfica, com maior número de pessoas chegando às idades mais avançadas e o aumento da expectativa de vida dos idosos, fruto das melhorias socioeconômicas e culturais, consequência do desenvolvimento do país (Brasil, 2011).

Para Minayo (2006), o país está envelhecendo conforme a tendência global, que a ONU (Organização das Nações Unidas) considera como a “Era do envelhecimento”, período este de 1975 a 2025. A previsão mundial, segundo os demógrafos, é de que nos anos de 2020 “existam cerca de 1,2 bilhão de idosos” em todo mundo, “entre os quais, 34 milhões serão brasileiros e o Brasil corresponderá ao 6º país com maior população acima de 60 anos do planeta” (Minayo, 2006, p. 48).

[...] A população idosa brasileira passou de 4,95% na década de 1970 para 8,47% nos anos de 1990, devendo alcançar 9,20% em 2010: são mais de 17 milhões de pessoas com mais de 60 anos e cerca de 600 mil a cada ano entram para esse grupo. Esse crescimento demográfico acompanhou o aumento da expectativa de vida, que passou de 33,7% no início do século, chegou a 66,25% em 1995, a 69,0% em 2000, 72,0% em 2005 e deverá alcançar 77,08% em 2025 (Minayo, 2006, p. 48).

O Censo indica um número de 190.732.694 de pessoas em 2010. Em comparação ao Censo 2000, obteve um aumento para o número de 20.933.524 pessoas, apresentando um crescimento na população brasileira neste período de 12,3%. Deste total, 49% são do sexo masculino e, 51%, do sexo feminino (IBGE, 2010).

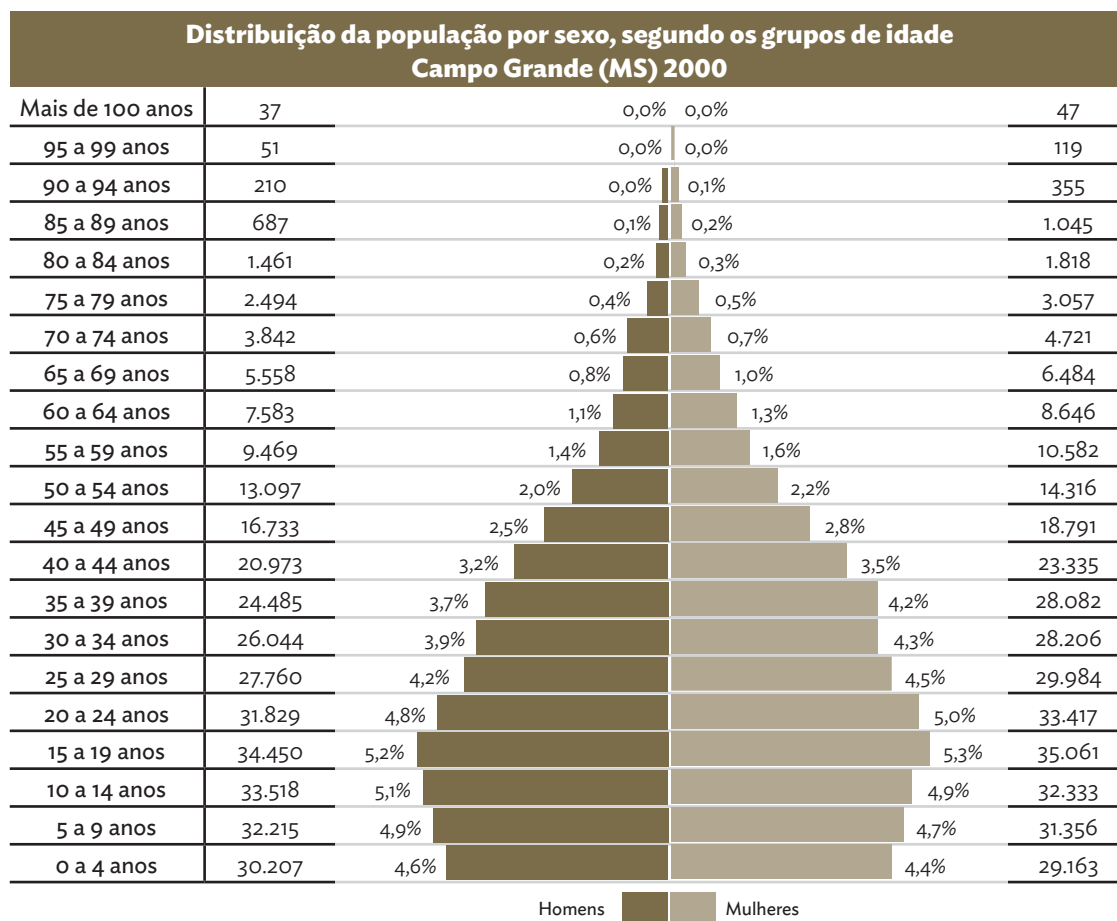
Artigo 3

Perfil dos idosos participantes do projeto “Era uma vez...
 Atividades intergeracionais”

A DINÂMICA DA TRANSIÇÃO DEMOGRÁFICA EM CAMPO GRANDE-MS

Campo Grande, segundo site do IBGE, tinha, no ano de 2000, a população de 663.621 habitantes e a seguinte Pirâmide Etária, conforme Gráfico 3.

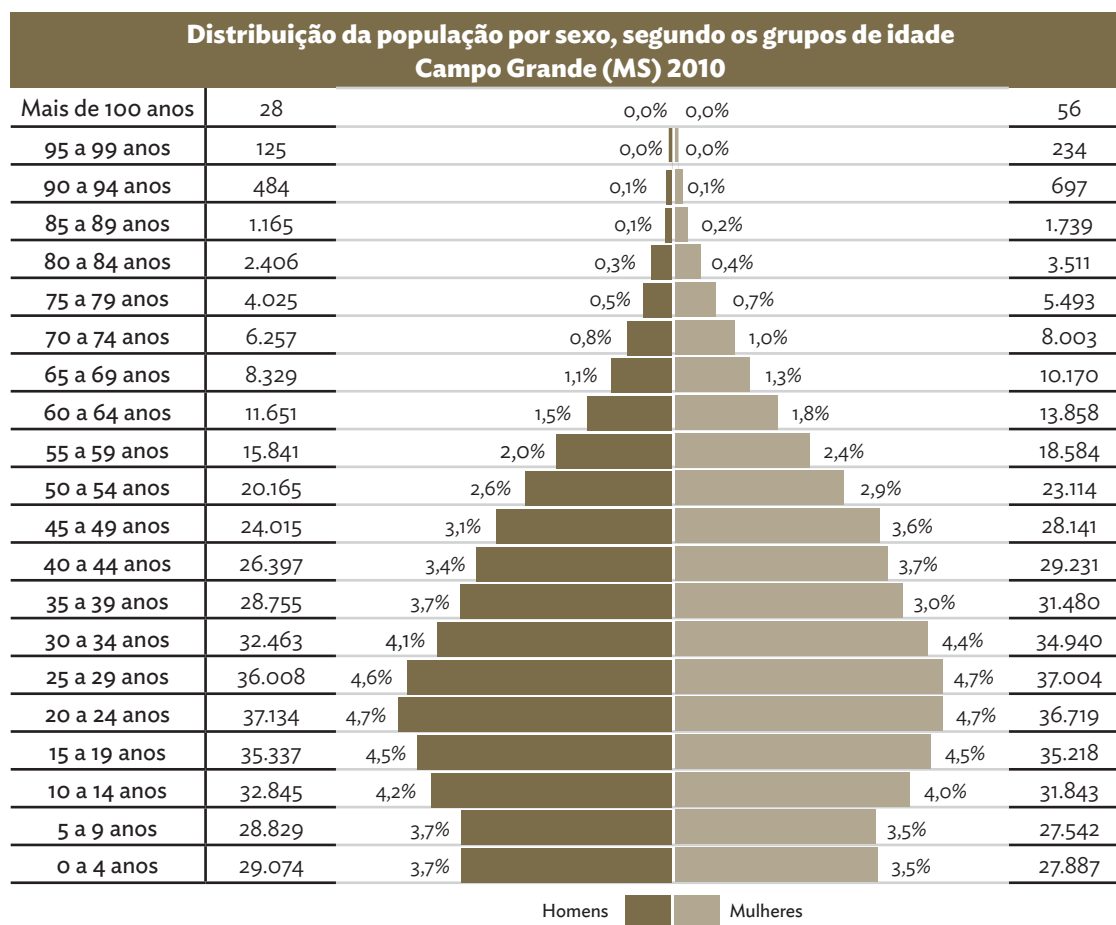
Gráfico 3: Pirâmide etária do Campo Grande (MS) no ano de 2000



Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010.

Já no Censo 2010, do IBGE, foi evidenciado um número de 786.797 habitantes em Campo Grande-MS, de acordo com Pirâmide Etária apresentada no Gráfico 4.

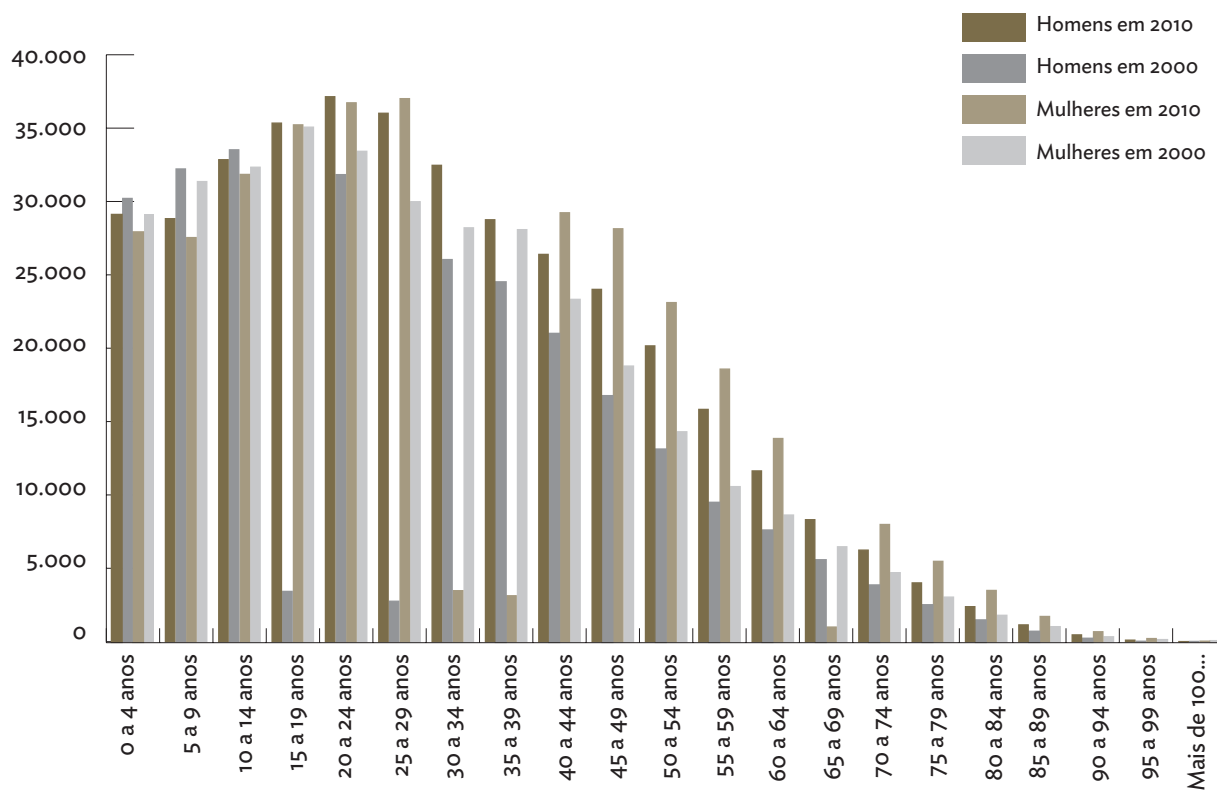
Gráfico 4: Pirâmide etária de Campo Grande-MS no ano de 2010



Uma sobreposição de dados evidencia as diferenças das representações gráficas dos Censos de 2000 e 2010, o qual pode se observado no Gráfico 5.

Confirma-se com estes gráficos, que Campo Grande-MS passa por uma transição demográfica, assim como o restante do Brasil.

Gráfico 5: Gráfico etário de Campo Grande-MS dos anos de 2000 e 2010



Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010.

O “PROJETO ERA UMA VEZ... ATIVIDADES INTERGERACIONAIS” SOB A PERSPECTIVA DAS IDOSAS PARTICIPANTES

A intergeracionalidade passou a ter maior visibilidade e ser amplamente discutida nos anos de 1990, na América Latina, surgindo, nesta época, os programas intergeracionais, realizados por instituições privadas e governamentais. No Brasil, em 1993, o Departamento Nacional do Serviço Social do Comércio (Sesc) cria o projeto “Era uma vez... Atividades Intergeracionais”, com objetivo de “aproximar idosos e crianças por meio da contação de histórias baseadas na literatura infanto-juvenil” (Ferrigno, 2011, p. 82).

No ano de 2003, o Sesc São Paulo deu início ao programa Sesc Gerações, composto por atividades culturais com objetivo de fomentar os processos de trocas afetivas e a coeducação entre idosos e o público infanto-juvenil. Realizaram-se “cursos, oficinas e eventos de diversas naturezas,” onde “crianças, adolescentes, adultos jovens e adultos idosos compartilharam tarefas comuns e, nesse processo do fazer, refletiam coletivamente sobre suas relações”, estimulando assim a troca de experiência em um processo de educação conjunta (Miranda, 2011, p. 06).

O projeto “Era uma vez... Atividades intergeracionais” coloca o idoso no papel de narrador da história e as crianças no papel de ouvintes da literatura infanto-juvenil. Nessa perspectiva, o Sesc Santo Amaro, em São Paulo, realizou um concurso literário em 2004 que “estimulou a reflexão de crianças e adolescentes sobre o envelhecimento e incentivou os mais velhos a pensarem nas gerações mais novas.” (Ferrigno, 2011, p. 89).

De acordo com Miranda (2011), os benefícios da convivência intergeracional são incontestáveis, promovendo uma sociedade igualitária do ponto de vista etário, por meio dos programas intergeracionais implementados nas diversas áreas de lazer e cultura, através de instituições públicas, privadas e filantrópicas (Miranda, 2011, p. 06).

Percebendo os benefícios que podem ser gerados com as atividades intergeracionais, as idosas participantes desta pesquisa foram questionadas para nomearem quais os pontos positivos do projeto “Era uma vez... Atividades intergeracionais”, obtendo-se as seguintes respostas:

[...] O mais positivo era passar tudo isso pra eles né, porque embora ainda estão na escola aprendendo, é passar isso fora da escola, porque tem um respaldo muito grande falar de convivência com idoso, com respeito, com amor ao próximo, sobre trânsito, sobre meio ambiente já falei né, eu acho que isso que é muito importante, o projeto tem essa

Artigo 3Perfil dos idosos participantes do projeto “Era uma vez...
Atividades intergeracionais”

importância, que é uma coisa que eles aprendem fora da sala de aula. Embora na sala de aula também pode falar assim, é uma coisa que mais vivência que eles têm, que eles estão ouvindo da gente, que viveu aquela situação. Eu acho que essa é a coisa mais importante que nós tivermos, que a gente tem no projeto sabe. Bom é assim, quando eles entram na sala e a gente sentia aquele... aquela troca de amor, eles eram... Eles são muito simpáticos, muito agradável, muito íntegros. Criança não mente, a gente sentia neles o que eles sentiam quando via a gente, e abraçava a gente, e eu como sou magra, eles quase me derrubava né [...] Mas quando era atividade, de desenha ou outras coisas, eles tinham muito mais... Eram mais espertos, queriam mais e mais, quando acabava, ohh acabou! Isso deixava gente muito orgulhosa de ter as crianças junto da gente, com respaldo, repito, com respaldo da estagiária né, porque sem ela não podia fazer muita coisa não (Idosa C).

[...] A participação do idoso com a criança, a integração, no início as crianças tavam meio ressabiadas, mas depois com a convivência, com as brincadeiras isso me levou.... Que a gente fica... aprende sem querer, uma troca de aprendizagem entre a criança e o idoso há porque a nossa experiência e eles com a deles, de que ser criança é muito bom, eles nos mostram isso muito no projeto. [...] Nós podemos transmitir para as crianças do projeto Era uma vez... Era nossas vivências da infância, como brincávamos, as nossas historinhas infantis, isso vem repassando de gerações em gerações, dos avós, onde sentava a beira do fogão no tempo de inverno e contava as histórias para nós, não liam, não tinham esses livros infantis. Mas elas criavam da cabecinha, na hora do chá das 5, sempre na beira do fogão à lenha, meus avós contava as histórias, brincava com os meninos de futebol, jogavam botão, jogo de botão de mesa, isso vai passando de filhos pra neto, de neto pra filhos. Nós fazíamos isso dentro do projeto... A gente brincava muito com as crianças de roda, cantigas infantis (Idosa M. H.).

[...] Essa etapa de 2011 do Era uma vez valeu por que eu não tendo netos, aquele abraço, aquele... (Idosa Z).

[...] As crianças, tudo que a gente fazia pra eles, eles ficava feliz, alegre, brincadeira né, conta história, muita coisa que eu acho que foi válido, eu acho que tudo, tudo! Olha pra mim foi... Fala pra você, foi uma maravilha, enquanto tive esse projeto, se Deus me ajuda e continua me dando saúde, graças a Deus, eu tenho e conservo e cui-

do da minha saúde. Enquanto o Sesc me quiser, como uma idosa do projeto, eu vou fica, viu, eu amei! (Idosa M).

[...] Tudo! Tudo, tudo, tudo de bom, tudo que eles faziam era bom, principalmente vocês que tavam, que fazia o planejamento, que era muito bom, muito criativo! Muito bom. A alegria, por que eles também ficava alegre quando chegava na sexta-feira que eles vinham. As atividades também era boa. [...] (Idosa E).

Constata-se, através da verbalização das falas, que o projeto incentiva uma aprendizagem voltada para o respeito ao próximo e à criação de valores éticos e morais. A participação no projeto permitiu às crianças reconhecerem o idoso enquanto indivíduo, independente das diferenças de idade. O idoso se torna um facilitador, contribuindo de várias formas para a formação das crianças.

Em seus estudos, Tavares (2010) aponta a importância dos Programas Intergeracionais para a desconstrução de estereótipos em relação às pessoas com mais idade e para a promoção da melhora nas relações interpessoais de pessoas de diferentes idades. Afirma ainda que as atividades intergeracionais oportunizam o processo de coeducação e a interação social entre as gerações, contribuindo para o resgate das tradições culturais e do repasse cultural.

Para Martinez (2011, p. 26), os benefícios das atividades intergeracionais em âmbito estadual, regional e local podem ser citados como “desenvolvimento comunitário, inclusão social, habitação, educação e formação, etc.” As atividades intergeracionais têm como benefícios individuais o aumento da autoestima, viabilização de oportunidades de prestar e receber suporte social, instituição de valores sociais, elevação da capacidade emocional para o cuidado mútuo. Os benefícios para a comunidade relacionam-se com a contribuição para a coesão social, inclusão de jovens e adultos, incremento do espírito comunitário, incremento da cultura do cuidado, aumento da capacidade dos governos locais em dar respostas às demandas da comunidade. Sendo assim esses benefícios, em nível macrossocial, contribuem para construção de uma sociedade mais tolerante com a diversidade e com uma melhor comunicação entre as gerações (Martinez, 2011, p. 27).

Em seguida, questionamos as idosas quais eram os pontos negativos do projeto “Era Uma Vez... Atividades Intergeracionais”, sendo verbalizadas as seguintes afirmações:

Artigo 3Perfil dos idosos participantes do projeto “Era uma vez...
Atividades intergeracionais”

[...] Nenhuma, não vi nada de negativo. Pra mim era muito bom! Tudo que a gente fazia, tudo que vocês fazia, tudo que vocês planejava era muito bom. Muito, muito, muito! Muito criativo bom (Idosa E).

[...] Sou suspeita pra falar, to aqui há cinco anos né, se tivesse ponto negativo já tinha me retirado, mas eu gosto muito do projeto não pretendo sair (Idosa C).

[...] Poderia ser mais dias (Idosa Z).

[...] A única coisa que eu achei assim, era a gente convocava os pais... Muito, demais. No fim do ano, você vê, nos preparamos, tudo aquilo, você preparou tanta coisa, dava até pra te contado quantos tava lá, pra por ai. Tanto faz no primeiro semestre, como no segundo, julho fez, também fez, foi contado (Idosa M).

Percebe-se que o ponto negativo elencado na fala da Idosa M. tem relação com sua insatisfação com a participação dos pais nos eventos festivos do projeto. O ponto negativo citado pela Idosa Z refere-se a sua vontade de que o projeto seja realizado mais vezes por semana. Nas demais falas não são listados nenhum ponto negativo, o que expressa o grande sentimento de pertencimento ao grupo e comprometimento com o projeto por parte das idosas.

Em sua pesquisa, Costa, Silva e Sivestre Junior (2017, p. 9) destacam a importância da convivência entre gerações para que ocorra “troca de experiências e aprendizagem, evidenciando a inclusão na sociedade e melhor desenvolvimento individual e social”.

Em um estudo anterior, realizado no Sesc junto aos participantes do projeto “Era Uma Vez... Atividades Intergeracionais”, que teve como objetivo compreender a relação intergeracional e a percepção dos idosos e crianças sobre a velhice, evidenciou-se “que o projeto proporciona a mudança positiva da imagem do idoso, tanto para as crianças que possuíam uma visão estereotipada em relação ao velho, quanto aos próprios idosos. A imagem passa a ser de um idoso ativo e participativo” (Carvalho, 2007, p. 98). A convivência entre as gerações permite perpetuar o conhecimento através do diálogo, dos saberes compartilhados, dos valores, e da memória.

CONCLUSÃO

O aumento da longevidade tem propiciado uma maior convivência entre as gerações, o que acarreta novos desafios para sociedade, tendo em vista que as pessoas são influenciadas pelo contexto em que nasceram e viveram, e a maneira como cada uma percebe o mundo em que vive pode gerar os conflitos entre gerações. A visão estereotipada da pessoa idosa como alguém que já não é produtiva no meio em que vive, negando sua vasta experiência de vida, também colabora para que os conflitos geracionais aconteçam.

Nesse sentido, faz-se necessário o fomento a programas intergeracionais que possibilitem uma aprendizagem recíproca de conhecimentos entre idosos, jovens adultos, adolescente e crianças, e o estabelecimento do respeito a todas as fases da vida do ser humano.

Os resultados indicam que os grupos de idosos do projeto “Era Uma Vez... Atividades Intergeracionais”, realizado na Unidade Executiva Sesc Horto, da cidade de Campo Grande/MS, percebem a intergeracionalidade como a possibilidade de troca mútua de saberes, evidenciando uma relação onde o idoso repassa seus conhecimentos para as crianças e aprendem com elas novos valores de comportamento e saberes sobre novas tecnologias.

Constata-se que o diálogo entre as idosas e as crianças, que foi possibilitado através do projeto, propicia o aumento da autoestima das idosas, que se sentem mais produtivas dentro do grupo a qual pertencem. O projeto se apresenta como uma ferramenta para o rompimento do isolamento social vivenciado por muitos idosos.

Conclui-se que a intergeracionalidade vivenciada por meio do projeto “Era Uma Vez... Atividades Intergeracionais” constitui um importante passo como processo socioeducativo para construção de uma sociedade sem segregações etárias, com vista à promoção da cultura do respeito entre diferentes gerações.👉

Artigo 3

Perfil dos idosos participantes do projeto “Era uma vez...
Atividades intergeracionais”

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, A. V. et. al. A Feminização da Velhice: em foco as características socioeconômicas, pessoais e familiares das idosas e o risco social. *Textos & Contextos*, Porto Alegre, v. 14, n. 1, p. 115-131, 2015.
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. 4. ed. Lisboa: Edições70, 2010.
- BERZINS, M. A.V.S. Envelhecimento populacional: uma conquista para ser celebrada. *Revista Serviço Social & Sociedade*, São Paulo: Cortez, n. 75, p. 19-35, 2003.
- BORGES, P. L. C. et al. Perfil dos idosos freqüentadores de grupos de convivência em Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 12, p. 2798-2808, dez. 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=So102-311X2008001200008&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 10 jan. 2020
- BRASIL. *Lei nº 10.741, de 10 de outubro de 2003*. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/10.741.htm. Acesso em: 10 jan. 2020
- BRASIL. Ministério da Saúde. *Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem* (Princípios e Diretrizes). Brasília, 2008. Disponível em: http://bvsm.sau.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_atencao_homem.pdf. Acesso em: 12 jan. 2020
- BRASIL. Previdência Social, *Informe de Previdência Social nº 5 Maio 2011*. Disponível em <http://www.previdencia.gov.br>. Acesso em: 18 ago. 2011
- CARVALHO, M. B. N. M. *O diálogo intergeracional entre idosos e crianças: projeto “Era uma vez... atividades intergeracionais”*. 2007. 123 f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.
- COELHO, M. A. *Geografia do Brasil*. 4. ed., São Paulo: Moderna, 1996. -(Série Sinopse).
- COSTA, A. A.; SILVA, I. C. C.; SILVESTRE JUNIOR, M. C. *O Conceito Intergeracional: A Viabilidade de Sua Aplicação nos Espaços para Convivência Entre Idosos e Crianças*. In: III Seminário Científico da FACIG, II Jornada de Iniciação Científica da FACIG, 2017, Manhauçu. Anais do Seminário Científico do UNIFACIG: Sociedade, Ciência e Tecnologia. Manhauçu: UNIFACIG, 2017, n.3, p.1-12.
- FERNANDES, L.S. *O Idoso e a Intergeracionalidade Com o Público Infantil a Partir do Projeto “Era Uma Vez... Atividades Intergeracionais” Realizado pelo SESC- CE Através do TSI*. 2014. 69 f. Monografia (Curso de Serviço Social)- Faculdade Cearense, Centro de Ensino Superior do Ceará, Fortaleza, 2014.
- FERNANDES, M. G. M.; LOUREIRO, L. S. N. Memória e história oral: a arte de recriar o passado de idosos. *Revista A Terceira Idade*, v. 20, n. 45, p. 53-65, jun. 2009.
- FERRIGNO, J. C. Programas intergeracionais no Brasil. *A Terceira Idade*, São Paulo, v. 22, n. 50, p. 75-91, mar. 2011.
- FORQUIN, J. C. “Relações entre gerações e processos educativos: Transmissões e transformações”, comunicação apresentada no Congresso Internacional Coeducação de Gerações, São Paulo, Sesc, out. 2003. Disponível em: <http://www.sescsp.org.br/sesc/images/upload/conferencias/83.rtf>. Acesso em: 13 jan. 2020

- IBGE. *Censo demográfico 2010*. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/default.shtm> . Acesso em: 12 jan. 2020
- IBGE. *Indicadores Sociodemográficos e de Saúde no Brasil 2009*. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/...sociosaude/2009/indicsaude.pdf>. Acesso em: 4 de abr.12.
- IBGE. *Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira*. Coordenação de População e Indicadores Sociais. Rio de Janeiro: IBGE, 146 p, 2016.
- JESUS, I. T. M. *et al.* Frailty of the socially vulnerable elderly. *Acta paul. enferm.*, São Paulo , v. 30, n. 6, p. 614-620, dez. 2017 . Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21002017000600614&lng=en&nrm=iso . Acesso em: 12 jan. 2020
- LIMOEIRO, B. C. Uma sociedade para todas as idades: Centro Dia e Centro de Convivência para idoso em Campo Grande (Rio de Janeiro). Rio de Janeiro: Gramma, 2017.
- MAGNOLI, D.; ARAUJO, R. *A Nova Geografia: Estudos de Geografia Geral*. 2. ed., São Paulo: Moderna, 1995.
- MANZINI, E. J. *Considerações sobre a elaboração de roteiro para entrevista semiestruturada*. In: MARQUEZINE: M. C.; ALMEIDA, M. A.; OMOTE; S. (Orgs.) Colóquios sobre pesquisa em Educação Especial. Londrina: Eduel, p.11-25, 2003.
- MARTÍNEZ, M.S. Programas intergeracionais na Europa: breve avaliação crítica das políticas, práticas, teorias e pesquisas. *A Terceira Idade*, São Paulo, v. 22, n. 50, p. 19-34, mar. 2011.
- MELO, N.C.V.; FERREIRA, M.A.M.; TEIXEIRA, K.M.D. Condições de vida dos idosos no Brasil: uma análise a partir da renda e nível de escolaridade. *Revista Brasileira de Economia Doméstica*, v.25, n.1, p. 4-19, 2014.
- MINAYO, M. C. S. *Visão antropológica do envelhecimento humano*. São Paulo: SESC: PUC, p.47-59, 2006.
- MIRANDA, D. S. Por uma sociedade para todas as idades. Editorial. *A Terceira Idade*, São Paulo, v. 22, n. 50, p. 6-7, mar. 2011.
- NERI, A. L. (org.). Idosos no Brasil - Vivências, desafios e expectativas na 3ª idade. São Paulo; Edições SESC-SP; Fundação Perseu Abramo; 2007. 287 p.
- PERSEGUINO, M. G.; HORTA, A. L. M.; RIBEIRO, C. A. The family in face of the elderly's reality of living alone. *Rev. Bras.Enferm.*, Brasília , v. 70, n. 2, p. 235-241, abr. 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672017000200235&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 11 jan. 2020
- PSZEMIAROWER, S.; POCHTAR, N. Relações intergeracionais como contribuição para a construção de uma cultura de paz. *A Terceira Idade*, São Paulo, v. 22, n. 50, p. 49-66, mar. 2011.
- SENE, E.; MOREIRA, J. C. *Geografia geral e do Brasil: espaços geográficos e globalização*. São Paulo: Scipione, 1998.
- SESC. Serviço Social do Comércio. *Normas Gerais para Habilitação no Sesc Departamento Nacional*. 3ª Reimp. Rio de Janeiro: SESC, 2013
- SILVA, R. M.; BRASIL, C. C. P. A quarta idade: o desafio da longevidade. *Ciênc. saúde coletiva*, Rio de Janeiro , v. 21, n. 11, p. 3631-3632, Nov.

Artigo 3

Perfil dos idosos participantes do projeto “Era uma vez...
Atividades intergeracionais”

2016 . Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232016001103631&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 12 jan. 2020

TAVARES, C. M. *Programas Intergeracionais: Revisão teórica e construção de proposta de intervenção*. 2010. 70 f. Dissertação (Mestrado em Educação Social e Comunitária) - Universidade da Beira Interior, Faculdade de Ciências Sociais e Humana, Departamento de Psicologia e Educação, Covilhã, 2010.

ZAGO, L. H. O método dialético e a análise do real. *Kriterion*, Belo Horizonte, v. 54, n. 127, p. 109-124, jun. 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=So100-512X2013000100006&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 12 jan. 2020